

## A HIPÓTESE DA SIMULAÇÃO

Uma hipótese que está muito longe de ser uma teoria, mas que nos faz pensar se somos autores ou meras personagens!



NUNO CAMARNEIRO  
Universidade  
de Aveiro  
nfc@ua.pt

O mais recente romance do escritor francês Hervé Le Tellier, *A Anomalia*, publicado em Portugal pela Editorial Presença, foi vencedor do prémio Goncourt em 2020 e é uma proposta literária tão original quanto bem-sucedida. Hervé pertence ao grupo literário Oulipo (Ouvroir de Littérature Potentielle), de que já aqui falei, e, como outros membros do mesmo grupo (Georges Perec, Italo Calvino ou Raymond Queneau), tem por hábito incorporar elementos lúdicos e instrumentos matemáticos ou linguísticos nas suas obras: cálculo combinatório, lipogramas, palíndromos, ambigramas, etc.

A premissa do romance assenta num acontecimento particular – um avião que atravessa uma tempestade violenta mas que acaba por aterrar em segurança – que se duplica em dois tempos distintos e que leva também à existência duplicada da tripulação e dos passageiros envolvidos. Assim que a “anomalia” é notada, diversos organismos governamentais, militares, religiosos e científicos começam a trabalhar numa explicação do fenómeno.

Sem desvendar demasiado da história, a certo momento parece surgir um consenso em torno da “hipótese da simulação”, que sugere que a realidade tal como a conhecemos não é mais do que uma simulação computadorizada tão sofisticada que se tornaria indiscernível da realidade percebida pelos seres humanos. Esta hipótese, que está

ainda muito longe de ser uma teoria, foi popularizada pelo filósofo Nick Bostrom em 2003 e tem ganhado tração tanto no meio académico como na cultura popular, muito graças aos avanços tecnológicos na inteligência artificial e na realidade virtual. Sugiro a leitura do artigo original (<https://www.simulation-argument.com/simulation.html>) em que a proposta é escorada por algum cálculo probabilístico, mas também a revisitação da filosofia do grego Anaxarco (380-320 a.C.) ou de Mónimo de Siracusa (séc. IV a.C.), que comparavam a realidade a uma pintura ou às impressões vividas durante um sonho ou a loucura; ou ainda a anedota que conta que o crítico inglês Samuel Johnson terá respondido à teoria do filósofo irlandês George Berkeley de que nada era real pontapeando uma pedra e afirmando “assim eu a refuto”.

Talvez os nossos cérebros superdesenvolvidos criem eles próprios esta “angústia da realidade”, a vertigem da criação e os meios tecnológicos ao nosso dispor fazem de nós criadores de novas realidades, mas também possíveis vítimas de outros iguais ou superiores a nós. A pergunta final é muito literária e talvez estivesse na mente de Hervé Le Tellier ao escrever este livro: Afinal somos autores ou meras personagens? Haverá diferença entre uma coisa e a outra?